

**ACTES DEL X CONGRÉS INTERNACIONAL
DE L'ASSOCIACIÓ HISPÀNICA
DE LITERATURA MEDIEVAL**

**Edició a cura de
Rafael Alemany,
Josep Lluís Martos
i Josep Miquel Manzanaro**

Volum III

**INSTITUT INTERUNIVERSITARI DE FILOLOGIA VALENCIANA
«SYMPOSIA PHILOLOGICA», 12**

Alacant, 2005

Asociació Hispànica de Literatura Medieval. Congrès (10é. 2003. Alacant)
Actes del X Congrès Internacional de l'Associació Hispànica de Literatura Medieval /
edició a cura de Rafael Alemany, Josep Lluís Martos i Josep Miquel Manzanaro. -
Alacant : Institut Interuniversitari de Filologia Valenciana, 2005. - 3 v. (1636 pp.) ;
23,5 x 17 cm. - (Symposia philologica ; 10, 11 i 12)
Ponències en català, castellà i gallec
ISBN: 84-608-0302-3 (84-608-0303-1, V. I; 84-608-0304-X, V. II; 84-608-0305-8, V. III)
1. Literatura medieval - Història i crítica - Congresos. 2. Literatura espanyola - Anterior
a 1500 - Historia y crítica - Congresos. I. Alemany, Rafael. II. Martos, Josep Lluís.
III. Manzanaro, Josep Miquel. Título. V. Serie.
821.134.2.09"09/14"(063)

Director de la col·lecció: Josep Martines

© Els autors

© D'aquesta edició: Institut Interuniversitari de Filologia Valenciana

Primera edició: maig de 2005

Portada: Llorenç Pizà

Il·lustració de la coberta: Taulell amb escena de torneig (1340-1360),

Museu Municipal de l'Almodí, Xàtiva

Imprimeix: TÁBULA Diseño y Artes Gráficas

ISBN (Volum III): 84-608-0305-8

ISBN (Obra Completa): 84-608-0302-3

Dipòsit legal: A-519-2005

La publicació d'aquestes *Actes del X Congrès Internacional de l'Associació Hispànica de Literatura Medieval* ha comptat amb el finançament de l'Acció Especial BFF2002-11132-E del Ministerio de Ciencia y Tecnología.

Cap part d'aquesta publicació no pot ser reproduïda, emmagatzemada o transmesa de cap manera ni per cap mitjà, ja siga electrònic, químic, mecànic, òptic, de gravació o de fotocòpia, sense el permís previ de l'editor.

O JÚBILO DA VITÓRIA: CELEBRAÇÃO DA TOMADA DE SANTARÉM AOS MOUROS (A. D. 1147)

Diferente de outros textos de conquista, nomeadamente o da tomada de Alcácer do Sal,¹ é aquele que costuma ser apresentado sob o título de *De expugnatione Scallabis*.² Poema em prosa, lhe chamou com razão o historiador Alexandre Herculano.³ Sem perder referências extremamente precisas a factos e a coisas, dá-nos ele uma elaboração literária com características de exaltação heróica de um acto de conquista, em forma moldada na liturgia do ofício coral —especificamente, no invitatório de matinas, complementado pela «história» do segundo nocturno da mesma hora canónica. Celebração jubilosa, integra um enunciado de memória feita por um narrador que se reveste da personagem de protagonista dos acontecimentos e conduz a narrativa em primeira pessoa.⁴

A introdução entrelaça oito elementos bíblicos (Salmos, Génesis e Juízes),⁵ associando-os para constituírem um louvor colectivo. Ainda que formalmente falte o refrão, não estamos longe de um invitatório, em montagem de celebração, segundo moldes de ofício litúrgico, onde o coro é formado pelos companheiros do rei; este mesmo dá seguimento ao enunciado (antífona) do invitatório e, após enaltecimento inicial de uma acção prodigiosa (tomada como possível devido a assistência divi-

1. Dele nos ocupámos em momento anterior, no IV Congresso Internacional de Latim Medieval, celebrado em Santiago de Compostela em 2002 (actas no prelo).

2. Cabe tal título ao editor dos *PMH*, concretamente a Alexandre Herculano, pois o editor que o precedeu transcreve o manuscrito medieval, Alc. 415, fl. 147: «Quomodo sit capta Sanctaren ciuitas a rege Alfonso comitis Henrici filio».

3. *História de Portugal. Desde o começo da monarquia até o fim do reinado de Afonso III*, ed. José Mattoso, Lisboa, 1989, I, pp. 447-485; em ed. anterior, II, pp. 217.

4. Pormenores há que concordam com os de documento passado por D. Sancho I à Ordem de Santiago, em 1193; cf. *Documentos de D. Sancho I (1174-1211)*, ed. Rui de Azevedo, Avelino de Jesus da Costa, Marcelino R. Pereira, Coimbra, 1979, vol. I, pp. 100-101, doc. nº 64.

5. «Cantemus domino in tympano et iubilemus in cordis et organo exultationis», Ps. 105, 4; «elegit nobis hereditatem speciosissimam», Ps. 15, 1; «Plaudite manibus», Ps. 46, 1; «psallite in uociferatione», Ps. 32, 3; «Audite reges auribus percipite principes», Iudic. 5, 1 (canto de Débora); «Abraham qui quinque reges deuicit», Iudic. 7, 1; «Gedeon qui in trecentis aquam manibus lambentibus»; «Sisaram principem milicie Iabin prostravit», Iudic. 4, 7.

na), procede ao relato dos acontecimentos de conquista da cidade de Santarém. O louvor divino alterna com o enunciado de uma gesta, tal como acontece no invitatório do ofício de matinas (que é formado pelo salmo 94 e recorda as gestas divinas em favor do seu povo, motivo que serve o apelo a acto de adoração em transportes de júbilo).⁶

Não é apenas esse traço que aproxima do ambiente claustal. Efectivamente, se o enunciado introdutório à celebração triunfal do *magnum prodigium* mima o invitatório do ofício de matinas, a narrativa dos factos não está longe da «história» do segundo nocturno da mesma hora canónica (onde as leituras recordavam os factos celebrados).⁷

De qualquer modo, a referência exterior está presente logo de início. É facto que, em forma de apelo, o texto começa por situar-se num plano de comunidade celebrativa, identificada por *fratres carissími*, mas depressa se transfere e concretiza nos heróis da acção vitoriosa que, escolhidos por Deus para obras prodigiosas, subjugarão as forças muçulmanas. Maior especificação surge num vos ritual, de presença jubilosa, que, por sua vez, se reporta a «quem aceitou correr risco de vida» em circunstâncias que de seguida se anotam (trata-se de gentes que «de pés descalços, empunhando lanças e escudos, de espada à cinta e com escadas de madeira aos ombros, treparam encostas dos montes e subiram às muralhas»).

O cenário de liturgia assim montado rememora uma acção de grupo (delineada em traços rápidos), mas pretende sobretudo celebrar uma façanha marcada por excelência tão grande quanto supera acções cometidas, já em circunstâncias excepcionais, por homens particularmente beneficiados pela assistência divina —Abraão, Josué e Gedeão.

Semelhante exórdio, nada mais é que uma introdução à narrativa dos factos confiada ao próprio do rei. A passagem de um momento a outro (melhor dizendo, de uma voz a outra voz), faz-se por encadeamento hábil e forma continuada: o exórdio (de um director de coro virtual) termina prevenindo que o êxito da operação não é devida a méritos militares, mas à intervenção miraculosa e soberana de Deus.

O discurso (do protagonista apontado pelo director de coro e assumido pelo próprio —como primeira figura de um conjunto—) inicia-se pelo reconhecimento solene (em forma jurada) do carácter extraordinário dessa intervenção divina que permite que sejam superadas as façanhas de Josué frente a Jericó (quando as muralhas caíram ao som das trombetas) ou na batalha contra os amalecitas (quando o mesmo Josué mandou parar o sol até que os inimigos fossem inteiramente desbaratados). A comparação, por recurso ao elemento bíblico, corresponde ao

6. Recorde-se o texto latino: «Venite, exultemus Domino: iubilemus Deo salutari nostro... / Quoniam Deus magnus dominus et rex magnus super omnes Deus. Quia in manu eius sunt profunda terrae... / Venite, adoremus et procidámus... / Utinam hodie vocem eius audiat: "Nolite obdurare corda vestra, sicut in Meriba secundum diem Massa in deserto, ubi tentaverunt me patres vestri... / Quadraginta annis taeduit me generationis illius... / Et ipsi non cognouerunt vias meas; ideo iuravi in ira mea: non introibunt in requiem meam"».

7. A estrutura actual é diferente, pois não existem mais que duas leituras: uma tomada da Bíblia e outra formada por um comentário.

engrandecimento da gesta (bem de acordo com as recomendações retóricas do tempo), e tal engrandecimento, em termos intensivos, concretiza-se logo de seguida, pois, do plano bíblico, desce-se ao tempo histórico para se acentuar que a proeza conseguida repõe o que Afonso VII de Leão (avô do rei) levava por diante, mas agora de forma mais astuta e mais rápida.⁸

A evocação da vitória prolonga-se de imediato (e em técnica de encarecimento da própria acção) pelas *laudes ciuitatis* em que são aduzidos e aproveitados os tópicos recomendados pelos tratados de retórica para o elogio das cidades: o lugar inexpugnável, a defesa garantida por fortificações, a fecundidade do solo extraordinária. O termo de comparação para este motivo é nada menos que a Apúlia (território que nos pareceria demasiado distante para ser evocado, mas certamente denunciador de alguma influência literária menos habitual);⁹ o âmbito alarga-se regressando à reminiscência bíblica do início, porque, acentua-se, «é realmente o paraíso de Deus, isto é, o horto das delícias, como outrora foi Segor para os que vinham do Egipto».¹⁰ A fertilidade de Santarém com os seus campos, mais que a sua qualidade e baluarte militar, impressiona o director de coro em que o autor de texto se transmuta.

Sucedem-se a narrativa dos factos. Há-de notar-se, no entanto, que não se passa a ela sem se fazerem intervir dois elementos marcantes: a determinação de tempo —em forma explícita— e a afirmação de domínio na forma de exposição (*hoc ordine*) —em que se seguirá a ordem natural do desenrolar dos acontecimentos (como mandam os preceitos retóricos).

O tempo é dado com fronteiras tão largas quanto concretas e tão identificadoras de uma intenção que fornecem a certidão civil do herói: «Nos Idos (15) de Março, ao raiar de um sábado, na era de 1185 (a C. n. 1147), ano em que os mouros, designados em árabe por *mozamida*, entraram na Hispânia e dizimaram Sevilha, ia eu em 37 anos de idade e em 19 de governação, ainda não havia decorrido um ano após o casamento contraído com Mafalda, filha do conde Amadeu, que ao terceiro dia das Nonas tinha dado à luz o meu filho primogénito, a quem foi dado o nome de Henrique; foi nesse dia que a cidade foi tomada».

A marcação do tempo não é elemento de somenos e tem paralelo literário na *Vita Tellonis*;¹¹ menos solene e menos englobante, tem visos, no entanto, de pretender

8. A *Chronica Gothorum* situa a acção de D. Afonso de Leão, na Era de 1131 (1093), a 29 de Abril (*ii Kalendas Maii*), um sábado; a campanha teve como efeito a reconquista de Lisboa e de Sintra. Todavia, logo após a morte do rei, as populações rebelaram-se e em 1111, segundo a mesma *Chronica Gothorum*, «Rex Cyrus cepit Santarem septimo cal. Junii».

9. São vários os passos dos textos clássicos em que se aponta a riqueza da Apúlia: primeira em lã (Mart. xiv, 155); guarda o trigo e o milho em silos durante décadas (Varr. 1, 57, 2); nela hibernam os rebanhos que no verão passam aos montes Reatinos (Varr. 2, 2, 9); são objecto de referência os seus cavalos (Varr. 2, 7, 1); à Apúlia vai buscar o exército romano provisões de trigo (T. Liv. 42, 27, 8); na Apúlia (e na Campânia) estabelece Aníbal os seus exércitos. Não encontramos paralelo em qualquer texto medieval conhecido que nos permita associar *Apulia* com *fertilitas*; Guilherme de Tiro, *Chronicon*, 2, 23, recorda apenas «in Apulia locis commodis»; são inúmeros os passos da PL em que a Apúlia é recordada pelos prazeres proporcionados a Aníbal, mas não a fertilidade dos seus campos.

10. Cf. Gen. 13, 1.

11. Cf. *Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra*, ed. Aires A. Nascimento, Lisboa, Colibri, 1998.

formar uma acta de acontecimento e corresponde por certo a um protótipo literário que, se na *vita* faz recordar o evangelho de Lucas, veicula aqui também a intenção de marcar um momento histórico significativo.

Neste envolvimento tão marcadamente literário, em que a exaltação é modo de expressão e o propósito fica definido, a afirmação de *ordo* para a exposição confirma intenções e deve ser assumido como qualificação literária a confirmar.

Não vale a pena reconstituir discussões que negaram, infirmaram ou aceitaram a qualidade testemunhal do texto, pois elas ficaram pelo nível mais elementar de leitura, assumindo ou negando veracidade por busca ou concessão excessiva de referências, quando a construção literária não só aponta uma intenção em causa (a exaltação de um feito) mas obriga a análise para identificar modos de expressão e explorar a capacidade de dizer, independentemente das possibilidades de correspondência histórica. Também aqui, não se peça ao texto da memória o que deve pertencer ao texto da história.

A transposição literária remete para o protagonista o relato dos acontecimentos frente aos seus *comilitones* e deixa à forma de discurso directo a representação da capacidade mobilizadora do herói, como principal intenção textual.

Se o expediente literário não pode constituir fantasma que ponha em causa a genuinidade do documento,¹² nem esta lhe imputa também maior força de documentação para os pormenores do relato,¹³ retenhamos que, no mínimo, o reconhecimento das características literárias coloca-nos num ambiente em que a criação artística é dado iniludível. Que antes da exposição se lance a premonição de que se vai seguir um *ordo* (correspondente ao desenrolar dos acontecimentos), isso demonstra, já de si, que se está dentro da obediência a categorias retidas num modelo literário, reconhecido e certamente também exercitado em ambiente escolar, o que eleva este para além dos níveis elementares de uma formação.

Não valerá por isso a pena intentar reduzir o número dos que ao tempo eram capazes de assumir a redacção de texto com alguma técnica literária. Ainda que as fontes de inspiração e os esquemas de exposição fossem condicionados por uma vivência mais habitual (a litúrgica), o mero tópico das *laudes urbium* coloca-nos num mundo menos restrito.

12. O Cardeal Saraiva rejeitou-o na convicção de que o texto pertencia à «mesma fábrica do *Juramento* da aparição de do Campo de Ourique e da instituição da *Ordem de Ala*, de que fazem autor o mesmo príncipe», in «Memórias históricas e chronológicas do Senhor D. Affonso Henriques, primeiro rei dos Portuguezes», *Obras Completas*, Lisboa, 1873, II, p. 264.

13. Pierre David, «Au sujet du “De expugnatione Scallabis”», *Revista Portuguesa de História*, Coimbra, 6, 1955, pp. 45-46, afirma que se trata de um documento de primeira ordem, contemporâneo dos acontecimentos, cuja confirmação se pode atestar por documentos paralelos. O manuscrito de Alcobaca não engana. Este texto com o que segue, *Quomodo capta fuit Alcaser a Francis*, faz parte de um caderno (bínio), cujo carácter primitivo tem de ser reconhecido e remete para finais do séc. XII ou princípios do séc. XIII: a solidariedade codicológica está patente tanto nos elementos técnicos da encadernação (o sistema de encadernação pertence ao modelo que a seu tempo designámos por «de volta inteira» na articulação de planos com o corpo do livro), como na escrita (ainda que a subscrição de cópia apareça no final das *Historiae* de Orósio —imediatamente antes dos nossos dois textos—) e bem assim na iluminura das iniciais (pois, ainda que haja variantes, o estilo é o mesmo das iniciais restantes, particularmente das de Orósio, embora com diferenças mais acentuadas com as dos textos de Fulgêncio —que aparecem em primeiro lugar—).

Neste aspecto, a comparação com outros textos terá de dar os seus frutos e cremos que as diferenças são tão eloquentes como as semelhanças. Em boa hora L. F. Lindley Cintra acentuou as semelhanças que se devem tomar em conta e se revelam em afinidades entre o relato do *De expugnatione Scallabis* e um passo da *Vita Theotonii* (§ 26), verosimilmente próximo por data e talvez por origem.¹⁴

A proximidade surge efectivamente no modo testemunhal que ambos os textos apresentam ou também na utilização de paradigmas como o da assistência divina expressa pelo recurso a passos bíblicos marcados pela queda dos muros de Jericó, a paragem do sol a mando de Josué. Os modos, mais que os elementos, são comuns e isso nos basta para assumirmos a existência de uma escola que forma e adequa os dados ao uso literário.

Não concluiremos, porém, para uma autoria comum entre os dois textos. Quer-nos parecer, efectivamente, que, um passo, invocado como podendo comprovar tal associação, contém do lado do *De expugnatione Scallabis* traços que distanciam. Trata-se da evocação do recurso de D. Afonso Henriques a D. Teotónio, a quem solicita orações para o bom êxito da operação militar que se propõe levar a cabo. Efectivamente, há, da parte do texto em causa, um alargamento que vai para além do que encontramos na *Vita Theotonii*. Diz o nosso texto do *DES*: «Hodie, sicut credo, fit pro nobis communis oratio et a canonicis Sancte Crucis, quibus predixi hoc nostrum negotium et in quibus confido, et a cetero clero simul cum omni populo». O envolvimento pressuposto por este texto não fica apenas no sigilo de Teotónio e na prática claustral que ele determina em Santa Cruz (como se acentua na *VTh*), mas ganha âmbito maior: trata-se sim «dos cônegos de Santa Cruz», mas também «do restante clero e de todo o povo». Trazer o projecto e a gesta para fora do claustro de Santa Cruz implica, certamente e também significativamente, uma atitude que exclui a vinculação do texto com esse mesmo claustro.

Não será de ter menos em conta um outro traço: a inclusão de palavras árabes; elas distribuem-se com alguma profusão no *De expugnatione Scallabis* (nada menos que oito termos e um com duas ocorrências), mas não aparecem senão ocasionalmente em textos mais dilatados que o nosso como as *Vitae* em que o texto dedicado a Teotónio se inclui.¹⁵

O meio de composição parece assim ser alheio a Santa Cruz; na modéstia dos testemunhos que possuímos é arriscado sugerir qualquer alternativa, mas não será de esquecer que a Sé de Coimbra tinha interesse em não deixar por mãos alheias a celebração das acções do rei; que os cônegos regulares não se refiram a isso é

14. Quanto à data da *Vita Theotonii*, há razões bem claras para supor que ele foi redigido antes da canonização do prior (não abade, pois deliberadamente Teotónio recusou tal título e ele não consta do *Costumeiro crúzio*); ora essa canonização ocorreu no aniversário da morte do prior, a iniciativa do arcebispo João Peculiar. Se a saudeada marca o texto, não se compreende que nele faltasse a glorificação, caso ela tivesse já ocorrido. Se pois a *Vita Theotonii* (nunca no texto se aduz que se está em regime hagiográfico propriamente dito e por isso mantemos a omissão do qualificativo) data de 1163, estamos à vontade para interpretar semelhanças por dependência sem termos de assumir que o autor do *De expugnatione Scallabis* é o mesmo.

15. Cf. David Lopes, «Os árabes nas obras de Alexandre Herculano», *Boletim da Segunda Classe da Academia das Sciencias de Lisboa*, 1910-1911, pp. 217-219.

explicável, dadas as tensões existentes entre as duas comunidades, como a própria *Vita Tellonis* bem deixa entender.

* * *

Mais que entrar em especulações, interessa atender aos aspectos formais do próprio texto, pois neles se podem documentar qualidades literárias que importa não esquecer. O domínio da exposição, marcado pela advertência *hoc ordine*, revela técnica literária bem marcada. Logo na introdução se convidara o rei a cumprir um esquema de desenvolvimento que tivesse em conta *exordium*, *ordinem*, et *exitum*.

Retomando tal esquema, após uma evocação inicial, o *exordium* do rei constitui o primeiro momento de narração e serve para acentuar que a acção não é inopinada, mas concebida em estratégia discutida com aqueles que lhe eram próximos: Santarém constituía ameaça real para a cidade de Coimbra e oferecia dificuldade extrema de assédio; colaboradores para a empresa escasseavam, pois aqueles de quem se podia esperar apoio escusavam-se, alegando enfermidade; havia, além disso, um pacto de tréguas. O projecto teve, pois, de ser discutido; isso serviu para cimentar coesão de grupo e para confirmar a hegemonia do rei.

O segundo momento da exposição subordina-se à *ordem* dos factos: eles sucedem-se segundo o previsto e não escapam ao controlo de um plano (razão expositiva), assumido pelo rei; o discurso de encorajamento serve para traçar a estratégia; a discussão dessa estratégia envolve previsão e ponderação de consequências em caso de insucesso: a perda do rei ultrapassa qualquer consideração pois significaria o termo de qualquer projecto ou ambição; a cedência à tentação de fuga é situação ignóbil, pois acarretaria o labéu de cobardia e traição.

A decisão final é de conjunto: se pesa em definitivo a obstinação do rei, ela é corroborada por fenómenos prodigiosos que surgem no céu, os quais, em plano diegético, correspondem à *confirmatio* discursiva, como a discussão correspondia à *refutatio*.

A sequência dos momentos da acção (a *narratio*) dá-nos um relato de pormenor que dificilmente poderia ser de outro que não fosse alguém que acompanhou ou refez todo o percurso da acção.

A técnica narrativa, no entanto, impõe uma pausa de reflexão (uma espécie de *peroratio*) sobre o significado da gesta, antes de passar ao momento final.

O *exitus*, por seu lado, apresenta-se em forma emotiva de quem rejubila pelo bom resultado da acção e se confessa já incapaz de reconstituir os sentimentos havidos e referir os pormenores das actuações, *quia exciderunt iam a memoria*.

Com esta *praeteritio* atinge-se um nível de expressividade relevante: não cabe ao narrador / rei assumir os pormenores da luta, pois a individualidade das intervenções não pode ser subordinada a uma narrativa comum. Efectivamente, está em causa uma gesta de heroísmo colectivo. Isso fica expresso na última frase do texto: «Quas congressiones uel impetus fecerint, dicant amodo qui interfuerunt, quia non est mecum; itaque, ista sufficiant pro magnitudine gaudii cordis mei et leticie».

A gesta do rei é assim gesta colectiva e esta remete para momento anterior ao de uma acção conduzida por inteira iniciativa daquele. O texto é, por certo, uma narrativa de herói, mas, pela forma que apresenta implica uma comunidade inteira. A importância do acontecimento era proporcional ao que a conquista representava para a tranquilidade das populações que continuamente se sentiam ameaçadas pelas incursões providas de Santarém. Não é o valor estratégico da cidade que mais interessava na celebração do triunfo. Nem aparece no horizonte a hipótese de, a partir daquela conquista, Lisboa se tornar mais fácil de capturar.¹⁶ Olhando em direcção a Sul, onde se situava o poderio árabe, Santarém era uma atalaia a futuros ataques.¹⁷ Mas valia por si, pois é um paraíso de fertilidade, como o texto não deixa de acentuar.

Que não se faça referência a quaisquer outros acontecimentos no texto do *De expugnatione Scallabis* deixa-nos a hipótese de a sua composição ter sido realizada muito próximo dos acontecimentos, ainda no contexto da emoção provocada pela conquista e antes de qualquer outro acontecimento similar, como será dentro de poucos meses a tomada de Lisboa.

Este segundo acontecimento deixaria aquele para segundo lugar, mas felizmente não se perdeu o texto de alguém que o celebrou segundo os padrões que literariamente lhe eram habituais, os do ofício divino. Nem se entenda isso como redutor de qualificação literária nem de conhecimentos por parte do seu autor; efectivamente a referência à Apúlia, ainda que isolada, obriga-nos a abrir horizontes. Por si, o esquema literário escolhido rasga também perspectivas sobre a repercussão que o acontecimento teve no interior de comunidades claustrais, onde o recolhimento não impedia nem de seguir os passos do rei nem de celebrar uma vitória dos seus homens em registo textual e em enaltecimento paralitúrgico.

AIRES A. NASCIMENTO

Centro de Estudos Clássicos, Lisboa

16. Está testemunhado que na realidade o rei D. Afonso Henriques vislumbra tal propósito, pois logo em Abril, na doação do eclesiástico de Santarém aos Templários, ele não deixa de referir semelhante desejo: António Brandão, *Crónica de D. Afonso Henriques*, Porto, 1945, cap. xxiv.

17. Os cronistas posteriores limitam-se a transcrever o que o relato anónimo apresenta; cf. Duarte Galvão, *Cronica do muito alto e muito esclarecido principe D. Affonso Henriques*, ed. Castro Guimarães, Lisboa, 1917; António Brandão, *Crónica de D. Afonso Henriques*, Porto, 1945. Sobre alguns pormenores do percurso dos homens de D. Afonso Henriques, cf. Salvador Dias Arnaut, *Ladeia e Ladera*, Coimbra, 1939; José Barata, *Fastos de Santarém*, 1, *De expugnatione Scalabis*, Coimbra, 1947, pp. 30-32. Sobre outras perspectivas, cf. J. Veríssimo Serrão, *Ensaio histórico sobre o significado e valor da tomada de Santarém aos Mouros em 1147*, Santarém, 1947; Luís da Câmara Pina, «Da personalidade militar de D. Afonso Henriques», in *Alexandre Herculano à luz do nosso tempo*, Lisboa, 1977, pp. 305-306.

APÊNDICE

TEXTO LATINO

*Quomodo sit capta Sanctaren ciuitas
a rege Alfonso
comitis Henrici filio*

Cantemus domino, fratres karissimi, 'cantemus domino in tympano et choro, et iubilemus in cordis et organo'¹⁸ exultationis uoce.

Magnificatus est enim gloriose subiciendo gentes Mahometh adorantes sub pedibus nostris.

Elegit nobis 'hereditatem speciosissimam quam dilexit'.¹⁹

Et uos, qui propria uoluntate obtulistis animas uestras periculoso discrimini, benedicite deo summo regi, qui pedibus nudis innitentes hastis et clipeis, accincti gladiis et scalas li[g]neas portantes humeris, uiriliter per montis crepidinem properastis ad murum.

Ad laudem Christi 'conuocate omnem populum, plaudite manibus',²⁰ 'bene psallite ei in uociferatione'.²¹ Ac dicite: 'Audite reges, auribus percipite',²² principes uniuerse terre, quoniam²³ dominus elegit noua bella in diebus nostris, non in trecentis decem et viii^o uernaculis, ut quondam Abraham,²⁴ qui quinque reges deuicit, uel Gedeon²⁵ qui in trecentis aquam manibus lambentibus Sisaram principem milicie Iabin prostrauit,²⁶ sed in xx.ⁱ v aut parum supra, rex noster, immo deus per regem nostrum, omnium [H]ispanie ciuitatum munitissimam cepit Sanctaren.

Eleua ergo et tu, o rex noster Alfonse, eleua in iubilo uocem, et confitere quia non tuis meritis ascribis uel uiribus hoc magnum prodigium, sed Christo regi uero, cuius est omnis terra, et merito cui curuatur omne genu,²⁷ qui est in secula benedictus deus, et edissere nobis geste rei prodigiose exordium, ordinem et exitum.

Abhinc rex

Testor deum celi, oculis cuius nuda et aperta sunt omnia, quia nec muros Iericho subtrutos²⁸ nec solis stationem prece Iosue ad Gabaon²⁹ in comparationem huius in me pietatis et misericordie facti pro miraculis duco, sed nomen Christi magnifico cuius profunde sunt cogitationes et magnifica opera, et pro se suaque pietate pie in nouissimis temporibus nouis mirabilibus non renouat, sed supergreditur antiqua mirabilia.

Omnes enim qui audierint ducent pro re incredibili Sanctaren ciuitatem munitissimam omni multitudine hominum omnique genere machinarum inexpugnabilem a tam paucissimis uiris inuasam. Siquidem auus meus Alfonsus Yspanie imperator non potuit eam debellare nisi famis deditione.

18. Cf. Ps. 150, 4.

19. Ps. 46, 5.

20. Ps 46, 2.

21. Ps 32, 3.

22. Iudic. 5, 1.

23. quam ed. (*id est Portugaliae Monumenta Historica*).

24. Gen. 14, 1.

25. Iudic. 7, 1.

26. Iudic. 4, 7.

27. Eph. 3.14.

28. Ios. 6, 1-27.

29. Ios. 10, 1.

Morabitarum etiam rex Cyrus similiter, sed necdum Abzechri, qui ferme per xxx^a et iiii^{or} annos eiusdem tenuit regimen: erexerat muros, antemurale³⁰ et turres a parte occidentali, que uocatur Alplan, eo quod ad comparationem precipicii tocius circuitus planum uidebatur, quia antiquos [saltus] repleuerat terra usque ad summum in promontorii modum captiuorum humeris asportata; a parte uero orientali adeo locus ruit in preceps ut lingua arabica uocetur Alhafa, id est,³¹ timor, quia inde precipitabantur qui capitalem subierant sententiam, ut fractis ceruicibus, ex toto corpore ad ripam usque prouerent Tagi aureas, ut ferunt, arenas habentis; a parte uero australi propter precipicium quod fit ex natura terre quasi hyantis et in abyssum euntis, uocatur Alhanse, id est,³² coluber, eo quod nullo possit adiri modo nisi per anfractus et quosdam meandros; ex parte uero aquilonis muniuit eam ipsa montis natura petrosa et aspera et uelut inter nubes porrigens ipsam ciuitatem; in sua summitate planam, non magnam ne ad tenendum sit difficilis nec modicam ne furetur a paucis.

Quomodo igitur huius speciositatem describere queam, cum nec hominum satietur uisus³³ cernentium ad orientalem plagam plana et omni generi frugum fertilissima arua ferme per c.^m LX stadia? Ad occidentalem et austrum deficit omnino acies oculorum; ad aquilonem uersus, montuosa uinearum et olearum sunt loca. Quid de fertilitate³⁴ dicam, cum nec sit inferior³⁵ Apulia sed superhabundet uel piscium multitudine uel salubritate aque? Est equidem dei paradisu, id est deliciarum [h]ortus, ut quondam Egyptus uenientibus Segor.³⁶

Sed ad rem gestam ueniamus, et qualiter capta sit aperiamus. Capta est Idus Martii illucescente die sabbati in era M^a centesima LXXX^a v^a, quo anno Mauri qui arabice Mozamida uocantur, ingressi Yspaniam destruxerunt Yspalim ciuitatem, me tunc agente tricesimum ferme ac septimum etatis annum, et regni x.^{um} viii.^{um}, anno nondum euoluto quo duxeram uxorem Mahaldam nomine comitis Amedei³⁷ filiam, ex qua primogenitus est natus Henricus filius meus iiii^o Nonas eiusdem mensis quo ciuitas capta est hoc ordine.

Fuit hec ciuitas, quia fortissima et fecundissima, semper bellicosa insidians Colimbrie et meum regnum pene pessumdans ex multo tempore. Quam non poteram debellare, quia, ut predixi, erat inexpugnabilis nec depredare propter impedimentum aque. Cum enim tetenderam insidias ex parte dextera fluuii, confugiebant ad sinistram uel e conuerso cum peccoribus et iumentis. Preterea planicies ipsa est paludibus plena et insulis et ob hoc nemini preuia nisi nauibus temporibus congruis.

Cogitauit itaque mecum sepiissime si quo modo eam inuaderem uel ui uel aliqua deceptione. Sed quibus profitebar infirmitatis pretendebam excusationem mortis perculti timore. Tandem pactita cum eis pace, Menendum Ramiridem mei consilii conscium premisi totius scrutatore negotii, qua semita uel parte muri securius possems nocte ingredi. Qui prout erat uir prouidus et acri ingenio et ad omnia audenda que mihi placere cognouerat audis, prospectans omnia solito diligentius, animauit me secreto se iturum in prima fronte,³⁸ promittendo se³⁹ erecturum meum uexillum supra murum serasque portarum confracturum. Quod et fecit sicut rei geste euentus probauit, quia omnia sibi uidebantur facilia omnique periculo segura.

30. Isai. 26, 1.

31. id est : idem *ed.*

32. id est : idem *ed.*

33. nisus *ed.*

34. fertilitate.

35. inferior *ad. s. lin.*

36. Gen. 13, 1.

37. Amedeu.

38. fonte *ed.*

39. promittento et.

Itaque statuto die, preparatis cibariis cum Colimbrianis et Fernando Petride, cum aliis de meis paucis, egressi Colymbria feria II^a, castra metati sumus in Alfafhar et hec fuit nostra mansio prima. Sequenti die mansimus in Chornudelos, unde misimus Martinum Mohab et alios duos qui renuntiarent habitatoribus Sanctaren solutam fore pacem usque in tertium diem. Qui, iussa perficientes, uenerunt ad nos feria III^a in Abdegas. Inde proficientes castra metati sumus in Aluardos, mansimusque ibi⁴⁰ totam quintam feriam usque ad noctem. Indeque promouentes nocte illa ambulauimus usque Ebrahaz in summitate Pernez feria VI^a illucescente.⁴¹

Tunc existimans fore idoneum omnibus meum aperire desiderium, conuocaui ad me omnes a minimo usque ad maximum et hoc ordine sum eos adlocutus.

Oratio regis ad milites⁴²

«Nostis, comilitones mei, nostis, et bene nostis, quia et mecum et sine me multos labores sustinuistis ex hac urbe in cuius confinio estis. Nostis quanta mala fecerit ciuitati uestre et uobis omnique meo regno, qualiter sit in laqueum et 'in stuporem dentium'⁴³ multis temporibus. Et nunc si conuocarem omne robur totius mei exercitus ferret⁴⁴ auxilium unusquisque pro uiribus, sed nolui. Vos solos elegi quos assidue in meis angustiis expertos habui et uobis meum comitto consilium, de quibus bene certus sum pro me dolere dolorem meum. Credite mihi, milites mei, quoniam uidetur adeo perfacile et oportunum quod uobiscum inire paro, quod pre gaudio animi mei, et mora uenturi diei, crescunt mihi dies medii quos uellem transire subito. Sed et cum uos uideo magis hoc obtare quam ego, et ipsam in faciendo oportunitatem attendo, quasi iam sim in ciuitatis medio, sic exulto.

Sed hoc est quod prius facere debemus. Eligantur centum xx.^{ti} e numero uestro, qui decem fabricant scalas diuisi per duodenas, ut cum unusquisque ascenderit per suam, non sit unus sed decem supra ciuitatis murum, et ita facilis erit ascensus et ascendentium multiplicabitur numerus; quo cum fuerit peruentum, meum erigite uexillum prius ut et a nobis ad robur et ab eis forte excitatis ad detrimentum possit conspici eminus. Postea portarum confringite seras, ut impetus simul introentium perturbet inhermes et somnolentos. Cuiusmodi erit difficultas interficiendi, dicite mihi pro amore dei, nudos et male sopitos? Sed hoc erit quod obseruabitis attentius, 'nulli etati uel sexui parcatis; moriatur infans ad ubera pendens et senex plenus dierum, adolescentula et anus'⁴⁵ decrepita. Confortentur uestre manus, dominus est enim nobiscum, nam unus e uobis poterit ex eis percutere c^m. Hodie, sicut credo, fit pro nobis communis oratio et canonicis Sancte Crucis, quibus predixi hoc nostrum negotium, et in quibus confido, et a cetero clero simul cum omni populo.

Preterea quidam de uigiliis sunt nos recepturi. Parcat mihi deus huius crimen mendacii, quia ideo scienter sum mentitus, ut eorum animi consolidarentur fortius. Pugnate ergo pro filiis uestris ac nepotibus. Ego enim ipse ero unus e uobis et primus, nec est qui a uestro me possit seiungi consortio uel in morte uel in uita ullo modo».

Huc usque me audierunt auribus arrectis, ut uidebatur mihi, et ad audenda que precabar pacato animo. Sed cum de mei periculo cum eis fieret sermo, obstupuerunt nec se coibere potuerunt, ut quondam Ioab et ceteri principes milicie Daud, dicentes: 'non ibis nobiscum; si enim fugerimus, non magnopere ad eos pertinebit de nobis, siue media pars uel omnes ceciderimus non satis erit ulla cura, quia tu unus computaris pro decem milibus';⁴⁶ nec

40. ibique.

41. illuscente *ed*.

42. *marginē mediana scrip*.

43. Amo. 4, 6: «ego dedi uobis stuporem dentium in cunctis urbibus uestris».

44. ferrent .

45. Ios. 6, 21.

46. 2 Sam. 18, 3.

infittietur familia nostra sempiterno elogio ut filii proditorum si te permiserimus commiseri tam aperto periculo.

Ad quos ego benignissime iuxta karitativam eorum rationem respondi hec pauca: «Velit deus, oro, ut, si in hoc anno excessurus sum uita, nisi ciuitas sit capta, non egrediar ab hac pugna». Qui cum me obstinato uiderent animo pronum ad subeunda discrimina, parauerunt omnia que negotio erant necessaria.

Et dimissis ibidem sarcinis properauimus ad urbem ascensis equis, iam subeunte nocte. Vidimusque miraculum quod maxime nostros erexit animos. Siquidem quedam stella magna ardens ut facula, discurrens per celi plana a parte dextera, prolapsa est in mare, maxime illuminans superficiem terre, diximusque continuo: 'tradidit dominus ciuitatem in manibus nostris'.⁴⁷

Similiter et ipsis eo die quo pax est soluta [h]orrendum apparuit prodigium, portendens eorum in tertia nocte futurum excidium; namque uiderunt media die quasi quendam colubrum ferri per celi medium comis ignitum a cauda usque ad caput et prophetauerunt inter eos sapientes nouum regem habere Sanctaren.

Cum iam ergo non longe essemus ab urbe pedites, et uelut cursarii preparati omnes, tenuimus semitam inter montem Iraz et fontem qui propter amaras aquas arabice appellatur Athumarmal, per mediam uallem, preeunte Menendo Ramiride in prima fronte, qui transitus et exitus nouerat bene, et ego in posteriori parte.

Hinc libet attendere quam mirabilis clarescat deus in suis operibus. Qui ne uideretur aliquid nostro fieri arbitrio, mutauit consulta, tamen in melius, sua propria uirtute. Quo enim loco nullam formidabamus fore custodiam, ibi enim uidebatur facilis ascensus, erant due mutuo sese ad uigilandum [h]ortantes. Vnde quieuimus parum in [h]erba tritici quiescentes, donec consopirentur sompno a domino utreque. Statimque promouens Menendus ascendit cum suis per Alchudiam et figuli domum uiriliter ad murum, tentenditque scalam in summitate haste, que non potuit herere sursum, sed repens usque deorsum dedit magnum sonitum. Condoluit itaque Menendus ne uigilie excitarentur strepitu et incuruatus parumper super se fecit ascendere iuuenem nomine Mogueyme. Qui erectus sursum ascendit ilico supra murum et innectens scalam propugnaculis,⁴⁸ ascendit alius cum uexillo regis, erexitque illud. Interim ascendit Menendus, deinde ceteri, prout poterant melius. Sed cum tres tantum adhuc essent supra, excitantur subito male dormientes uigilie, respicientesque uexillum iuxta mirantesque clamauerunt rauca uoce: «Man hu?»,⁴⁹ id est, «qui estis?» Cumque cognouissent frustra christianos fore, clamauerunt uoce sublimes et confusa: «Annachara», id est, «Christianorum insidie». Post tertiam itaque uigilarum uocem, exclamat Menendus inuitans ad auxilium sanctum Iacobum Yspanie patronum et regem Alfonsum. Conclamaui et ego clamore magno: «Sancte Iacobe, et beatissima Maria Virgo, succurrite. Hic est rex Alfonsus, cedite eos, nec sit unus qui euadat gladium».

Tanta deinde secuta est confusio uocum utrarumque partium ut nulla possit notari discretio. Aio ergo meis: «Feramus auxilium sociis, teneamus dexteram, si potuerimus ascendere per Alplan et Gundisaluus Gundisalui cum suis sinistram ut preocupet callem, qui uenit de Seserigo, ne porte aditus ab illis preocupetur nosque frustrati pereant nostri qui intus sunt ad obprobrium nostrum». Quod et factum est, non nostra, sed uoluntate domini sola. Qui enim proposueramus per scalas conscendere murum, ingressi sumus per portam ciuitatis multo securius et qui decem fabricaueramus due sole erecte compleuerunt totum officium, per quas ascenderunt, ut aiunt, qui interfuerunt ad xx.v tantum.

47. Ios. 6, 16.

48. *post. scrib. bis cancell.* ascendit ilico supra murum et innectens scalam propugnaculis.

49. Cf. Ex. 16, 15.

Laudetur ergo deus in suis operibus. Tunc hii qui erant intus ad portam concurrentes citius nitebantur frangere ualuas lapidibus, sed malleus ferreus de foris porrectus confregit seras et uectes fortius et ita cum magno gaudio et meis intus sum receptus. In medio ergo porte fixis genibus que orauerim uel ex quanta profunditate animi scit deus, nec nunc refferam, quia exciderunt iam a memoria. Quas congressiones uel impetus fecerint, dicant amodo qui interfuerunt, quia non est meum. Itaque ista sufficiant pro magnitudine gaudii cordis mei et leticie.

TRADUÇÃO PORTUGUESA
*Como foi tomada a cidade de Santarém
 pelo rei Afonso
 filho do Conde Henrique*

Cantemos ao Senhor, irmãos caríssimos, cantemos ao Senhor, com tímpano e em coro, e rejubilemos com instrumentos de cordas e com órgão, em vozes de exultação.

Pertence-lhe singular engrandecimento por submeter aos nossos pés as gentes que veneram a Maomé.

Escolheu-nos como herança preciosa e por ela manifestou apreço.

E vós, que por vontade própria entregastes as vossas almas a um perigo extremo, bendizei a Deus, supremo rei, vós que, de pés descalços e apoiados em lanças e escudos, de espada à cinta e com escadas de madeira aos ombros, trepastes à muralha pela encosta do monte.

Para louvar a Cristo, convocai todo o povo, batei palmas, cantai-lhe salmos em voz forte e harmoniosa. Dizei-lhe: Ouvi, ó reis, atendei, príncipes de toda a terra, pois o Senhor decidiu-se por novas batalhas em nossos dias, não com trezentos e dezoito servos, como outrora Abraão, que levou de vencida cinco reis, ou Gedeão que, com trezentos que haviam apanhado água com a mão, lançou por terra a Sísara, comandante do exército de Jabim, mas com vinte, ou poucos mais, o nosso rei, mais que isso, Deus pelo nosso rei, tomou a cidade de Santarém, que é a mais forte de todas as cidades de Espanha.

Ergue, pois, também tu, Afonso, nosso rei, ergue a voz em júbilo e proclama que não adscreves este grande prodígio aos teus méritos ou forças, mas a Cristo, rei verdadeiro, a quem pertence a terra e com razão se dobra todo o joelho, Ele que, sendo Deus, é louvado pelos séculos. Expõe-nos o início, o desenvolvimento e a conclusão de feito tão prodigioso.

Exposição do rei

«Tomo por testemunha a Deus do céu, a cujos olhos estão patentes e abertas todas as coisas, em como nem a derrocada das muralhas de Jericó nem a paragem do sol pelas preces de Gedeão em Gabaão são, a meu juízo, algo em comparação com os prodígios de benevolência e misericórdia realizados em meu favor, mas engrandeço o nome de Cristo cujos planos são insondáveis e cujas obras são grandiosas e que, por si e por sua benevolência, nestes últimos tempos não repete os antigos prodígios, mas ultrapassa-os.

Efectivamente, todos os que ouvirem contar considerarão como facto inverosímil que a cidade de Santarém que é das mais bem fortificadas e que é inexpugnável com uma multidão de homens e com todo o género de máquinas, tenha sido invadida por um número escassíssimo de homens. De facto, o meu avô Afonso, imperador das Espanhas, não conseguiu levá-la de vencida senão fazendo-a capitular pela fome.⁵⁰

50. Estava-se em 1093. Anotam os historiadores que Afonso VI não tomou Santarém, mas que a cidade lhe foi cedida por Al-Mutawakkil, pretendendo com isso estabelecer aliança mais larga com o rei hispânico.

O mesmo aconteceu com Ciro,⁵¹ rei dos Moabitas⁵² e bem assim com Abzecri, que ao longo de quase trinta e quatro anos teve em mãos o seu governo: havia ele levantado muralhas, trincheiras e torres, pelo lado ocidental, que toma o nome de *Alplan*, pois, em comparação com o precipício que há em toda a volta, pareceria uma planície, já que encheu até cima, a modo de promontório, os antigos declives com terra transportada aos ombros por cativos; pelo lado oriental, é tal a inclinação do local que em língua árabe se lhe dá o nome de *Alhafa*, ou seja, medo, pois daí eram precipitados aqueles que haviam sido condenados por sentença de morte, de tal modo que partiam a coluna cervical e os seus corpos se espalhavam pela ribeira do Tejo que, segundo dizem, tem areias de ouro; pelo lado sul, porém, em razão do precipício formado por uma natureza quase de boca escancarada e a um passo do abismo, tem o nome de *Alhanse*, ou seja, cobra, pois não se pode ali chegar de modo algum senão por desvios e alguns meandros; pelo lado norte, todavia, dotou-a a própria natureza do monte, que é de rocha sem vegetação e como que projecta até às nuvens a cidade em si, que no cimo é plana e não é grande para não ser difícil de manter nem pequena para não ser posta à mercê de poucos.

Como poderei, pois, descrever a beleza desta cidade, pois nem o olhar sobre as paragens do oriente se sacia com os campos planos e férteis de todos os géneros, por uma extensão de uns cento e setenta estádios? Para o ocidente perde-se completamente o limite do olhar; para o lado norte ficam lugares serranos de vinhas e olivedos. Que dizer da sua fertilidade, se não fica abaixo da Apúlia e tem abundância de peixe e águas saudáveis? É na realidade o paraíso divino, ou seja, o horto das delícias, como outrora o Egipto para quem vem dos lados de Segor!⁵³

Mas, venhamos aos factos ocorridos e demos a conhecer de que modo a cidade foi tomada. Foi ela tomada a quinze de Março ao raiar de um sábado, na era de 1185 (a. D. 1147), ano esse em que os Mouros, a quem se dá o nome de *Mozamida*, deram entrada em Espanha e destruíram a cidade de Sevilha, e em que eu tinha quase completado 37 anos de idade e 19 de reinado, ainda não era passado um ano inteiro sobre o meu casamento com Mafalda, filha do Conde Amadeu,⁵⁴ de quem haveria de nascer o meu filho primogénito, Henrique,⁵⁵ a 5 do mesmo mês em que a cidade foi tomada segundo esta sequência de acontecimentos.

Porque era muito forte e de muita abastança, estava aquela cidade continuamente a provocar guerra contra Coimbra e a causar desgraças desde há muito sobre o meu reino. Não tinha eu possibilidade de lhe dar luta, pois, como já acima disse, era inexpugnável, nem podia causar-lhe perdas, pois havia o entrave da água. Efectivamente, quando tentava fazer-lhe emboscadas pela parte direita do rio procuravam refúgio do lado esquerdo ou, ao contrário, com os gados e manadas. Além do mais, a planície está coberta de pântanos e de ilhas, pelo que não fica acessível a ninguém que não vá de barco em tempo conveniente.

Pensava, pois, comigo mesmo muitas vezes sobre o modo de a assaltar, fosse à mão armada fosse à traição. Acontecia, porém que aqueles a quem dava isso a conhecer,

51. Trata-se porventura de Sir Ibne Abu Bakr, comandante supremo do exército almorávide e emir de Sevilha, que faleceu em 1112.

52. Comentando as divisões entre os muçulmanos peninsulares, a *Chronica Gothorum* diz: «Hismaelite aduersum Moabitas, id est, Andeluces aduersus Arabes».

53. A referência é bíblica, Gen. 13, 10; a identificação da cidade é dada como sendo Zoar, localidade em que se fixou Lot.

54. Há divergências quanto à identificação do Conde Amadeu de Moriana; para uns trata-se de Amadeu II, para outros, de Amadeu III. O primeiro documento conhecido em que Dona Mafalda é referida é a doação ao Mosteiro de Vimieiro, de 23 de Maio de 1146.

55. É este o único registo do primogénito do rei D. Afonso Henriques e de sua esposa, Dona Mafalda.

pretextavam desculpas de doença, sentindo medo da morte. Por fim, fiz tréguas com eles e mandei Mem Ramires, a quem dera conhecimento da minha intenção, investigar o caso, para saber por que via ou por que parte da muralha poderíamos entrar com alguma segurança durante a noite. Ele, que era homem avisado, de engenho agudo e ansioso por tentar tudo o que sabia ser do meu agrado, indagando com mais empenho que de costume, sossegou-me dizendo que ele próprio iria em segredo à frente de todos, prometendo que seria ele a erguer a minha bandeira sobre as muralhas e a quebrar as trancas das portas. Assim o fez, como ficou comprovado pela sequência dos factos, pois tudo lhe parecia fácil e isento de qualquer perigo.

Assim, no dia estabelecido, depois de preparada a comida com a gente de Coimbra e com Fernão Peres, com uns tantos dos meus, saímos de Coimbra, numa segunda-feira e acampámos em Alfafar, onde fizemos a primeira paragem. No dia seguinte, ficámos em Chornudelos, e daí enviámos Martim Moab e dois outros a anunciar aos habitantes de Santarém que ficavam suspensas as pazes por três dias. Eles executaram o que lhe fora mandado e estiveram de regresso na quarta-feira, vindo ao nosso encontro em Abdegas. Partindo daí, acampámos em Alvarδος e aí permanecemos toda a quinta-feira até à noite. Saindo dali, essa noite caminhámos até Ebraz, no alto de Pernes, ao romper do dia de sexta-feira.

Então, considerando que seria conveniente dar a conhecer o meu plano, convoquei-os a todos para junto de mim, desde o mais humilde ao maior e assim lhes falei nestes termos.

Discurso aos homens de armas

«Tendes conhecimento, companheiros meus de luta, e sabei-lo bem, que juntamente comigo e até sem mim suportastes muitas fadigas por causa desta cidade em cujo termo estais. Sabeis quanto mal causou ela à vossa cidade, a vós e a todo o meu reino, como se colocou desde há muito tempo à mercê do laço e do apetite devorador.⁵⁶ E agora se convocasse todas as forças do meu exército inteiro, cada qual traria reforços compatíveis com as suas possibilidades, mas não o quis. Escolhi-vos apenas a vós porque sei por experiência como bastas vezes participastes das minhas dificuldades e a vós confio o meu plano, já que estou certo de que por mim suportareis as minhas dores. Crede-me, meus companheiros de armas, que me parece extremamente fácil e oportuno o que pretendo realizar convosco, e é tal a alegria que experimento no meu espírito e tal a demora do dia de amanhã que se alongam para mim os dias que desejaria passassem num instante. Todavia, dado que vejo estardes mais ansiosos do que eu, aguardo pela oportunidade de levar a cabo esta acção e rejubilo como se já estivesse no meio da cidade.

Uma coisa há que devemos fazer antes de mais. Escolhamos cento e vinte de entre vós que se dividam aos doze e construam dez escadas, de tal modo que tendo cada um assignada a escada por onde subir, não seja apenas um mas dez ao mesmo tempo no cimo das muralhas da cidade e assim será fácil a subida e se multiplicará o número; quando isso acontecer, levantai a minha bandeira primeiro a fim de ela poder ser vista de longe e isso seja de incitamento para nós e eventualmente de desfalecimento para os ainda despertos. Depois disso, parti as trancas das portas, de tal modo que o ímpeto dos que entrarem sirva para perturbar tanto os que estão desarmados como os que estão a dormir. Por amor de Deus, disse-me: haverá alguma dificuldade em matar gente desmunida e mal dormida?

56. A expressão parece-nos inspirada do livro do Profeta Amós, mas o texto não corresponde exactamente à versão tradicional (da Bíblia Clementina); presumimos que haja variante hispânica ou fonte com transformação. Para os passos bíblicos com que o texto fica entretecido nesta introdução, veja-se o aparato ao original latino.

Uma coisa haverá que observareis escrupulosamente: não haja contemplanções com idade ou sexo; morra a criança ainda de peito e o velho carregado de dias, a donzela e a velha decrépita. Mantenham vigor as vossas mãos, pois o Senhor está convosco, uma vez que cada um de vós será capaz de abater cem. Hoje, estou certo disso, faz-se oração colectiva por nós, tanto por parte dos cónegos de Santa Cruz, a quem dei conhecimento da nossa empresa e em quem tenho confiança, como também por parte de outro clero juntamente com todo o povo.

Além disso, algumas das sentinelas hão-de acolher-nos. (Perdoe-me Deus este pecado de mentira, pois foi cientemente que menti, com a intenção de os seus ânimos mais se fortalecerem).⁵⁷ Lutai, pois, pelos vossos filhos e netos. Eu próprio serei um de entre vós e serei o primeiro, não havendo ninguém que me possa de algum modo separar da vossa companhia, seja na morte seja ainda em vida».

Até aqui ouviram-me atentos, tal assim me parecia, e com espírito predisposto a enfrentar o que eu lhes pedia. No entanto, no momento em que a conversação recaiu sobre o perigo que eu poderia correr, ficaram sem nada adiantar, mas não puderam coibir-se de dizer como outrora Joab e outros príncipes do exército de David: «Não irás connosco, pois se fugirmos não levarão crédito sobre nós: tenha caído metade ou tenham caído todos não haverá preocupação alguma, pois tu sozinho contas por dez mil»; nem ficará a nossa família marcada por ferrete permanente na reputação como filhos de traidores se permitirmos que tu fiques envolvido em aperto tão grande».

Muito sensibilizado pelas razões de amizade, respondi-lhes em poucas palavras: «Queira Deus, é o que peço, que mesmo que tenha de perder a vida neste tempo, não saia deste combate sem que esta cidade seja tomada». Vendo-me eles de ânimo predisposto a enfrentar o perigo, prepararam tudo o que era necessário para o empreendimento.

Deixando ali as bagagens, avançámos para a cidade, montados a cavalo, ia a noite já entrada. Vimos então um prodígio que soergueu o nosso espírito de forma extraordinária. Foi o caso que uma estrela, grande e flamejante como uma pequena tocha, atravessou pela planura do céu vinda da direita e deixou-se cair no mar, iluminando extraordinariamente a superfície da terra. Nós dissemos acto contínuo: «O Senhor entregou a cidade nas nossas mãos».

Do modo semelhante, também a eles, no próprio dia em que as tréguas foram denunciadas, apareceu-lhes um prodígio medonho, presagiando-lhes o desastre que haveria de acontecer três noites depois; na verdade, pelo meio dia, viram eles uma espécie de serpente a arrastar-se pelo meio do céu com o topete a arder desde a cauda à cabeça e os homens de ciência que havia entre eles anunciaram que Santarém ia ter um novo rei.

Uma vez que já não estávamos longe da cidade, e como se todos fossem corredores preparados, metemo-nos, a pé, por um caminho entre o Monte Iraz e uma fonte (que, em razão das águas amargas, em árabe, tem o nome de Atumarmal), a meio de um vale, indo Mem Ramires à frente num primeiro grupo, pois ele conhecia bem as entradas e as saídas, e eu seguia na parte posterior.

A partir daqui apraz-nos tomar em atenção como Deus se mostra admirável nas suas obras. Para que não parecesse que alguma coisa acontecia por nosso alvedrio, alterou os projectos, ainda que para melhor, por sua própria intervenção. Efectivamente, no local em que não temíamos encontrar qualquer sentinela, aí, de facto, parecia fácil a subida, estavam duas que se iam mutuamente exortando a estarem alerta. Por isso parámos um pouco a descansar num trigal ainda verde, até que ambas fossem postas a dormir pelo Senhor. De súbito, Mem adiantou-se, subiu com os seus por Alcúdia e pela casa de um oleiro

57. A encenação do texto pode explicar este aparte do narrador.

denodadamente junto da muralha e ergueu a escada com a ponta da lança; ela não se conseguiu sustentar ao alto e rodando até baixo caiu com grande estrondo. Teve medo, pois, Mem que as sentinelas acordassem com o barulho e, curvando-se um pouco sobre si mesmo fez subir um moço de nome Mogueime. Este pôs-se em pé e de imediato trepou para cima da muralha e prendeu a escada aos adarves; um outro subiu com a bandeira do rei e levantou-a no ar. Entretanto Mem sobe e logo outros, como podiam fazê-lo. Ora, quando apenas três estavam em cima, acordam de súbito as sentinelas mal dormidas; ao repararem na bandeira que ficava perto, surpreendidas gritam com voz rouca: «Man hu?», ou seja «Quem sois?» Mal se apercebendo de que seriam cristãos, bradaram em voz alta e mal percebida: «Annachara», ou seja «Assalto de cristãos»! Ao terceiro grito das sentinelas, Mem brada também, clamando por ajuda de Santiago, patrono de Espanha, e do rei Afonso. Bradei eu também em grande clamor: «Santiago e Santíssima Virgem Maria, socorrei-nos; o rei Afonso está aqui, matai neles, não fique nenhum que escape ao fio da espada».

Seguiu-se logo tamanha confusão de vozes de uma e de outra banda que não se podia reconhecer qualquer diferença. Digo, pois, para os meus: «Levemos ajuda aos nossos companheiros, sigamos à direita, se pudermos subir por Alplan, para que Gonçalo Gonçalves tome conta da azinhaga da esquerda, que vem de Sesarigo,⁵⁸ a fim de impedir que a entrada da porta seja ocupada por eles e, ficando nós incapacitados, os nossos que estão dentro sejam mortos para nossa vergonha».

Assim se fez, não porque assim quiséssemos, mas por vontade do Senhor apenas. Com efeito, nós, que nos tínhamos proposto subir às muralhas pelas escadas, entrámos pela porta de cidade em muita maior segurança; nós tínhamos construído dez escadas, mas apenas duas foram erguidas e realizaram todo o trabalho e por elas subiram os que estavam a postos, ao que dizem, apenas uns vinte e cinco.

Deus, pois, seja louvado nas suas obras. Então os que estavam dentro acorreram à porta e intentavam quebrar os batentes com pedras, mas o machado de ferro apostado de fora com mais força partiu as trancas e os gonzos e assim fui recebido com grande júbilo juntamente com os meus homens no interior. Quanto ao que por isso tenha eu rezado de joelhos a meio da porta⁵⁹ ou com quanta intensidade de espírito, sabe-o Deus e não o vou referir agora, pois me escapou já da memória. E que embates ou investidas tenham feito digam-no a seu tempo os que nisso tomaram parte, pois não me pertence a mim fazê-lo. Bastem assim estes dados pela magnitude da satisfação e da alegria que trazem ao meu coração.

58. Corresponde à povoação da Ribeira.

59. Segundo a tradição, D. Afonso Henriques terá entrado pela porta da Tamarna (ou Atamarna), que já não existe e em cujo lugar foi colocado um obelisco a recordar a façanha.